

AÇUCAREIRO

No dia primeiro de maio comemora-se o dia do trabalho (exceto no Brasil pós-golpe, pois o sujeito ou está desempregado ou virou “empreendedor” vendendo pipoca), data comemorativa que alude ao massacre de trabalhadores de Chicago na greve de 1886 que cobrava redução da jornada de trabalho, então de 13 horas diárias. A data foi estabelecida em 1889 pela Segunda Internacional Socialista, num congresso realizado em Paris que reuniu os principais partidos socialistas e sindicatos de toda Europa e se estendeu mundo afora. No Brasil foi oficializada em 1924. Aqui na velha Franca, no início dos anos 80, quando os sindicatos de trabalhadores, com muita luta, foram recuperados das mãos dos pelegos que os dominavam desde os anos 50, a data passou a ser comemorada com discursos políticos pela emancipação dos trabalhadores, além das tradicionais festas, shows musicais e campeonatos de futebol que vigoraram absolutos nos anos da pelegada.

Como era diretor do Sindicato dos Arquitetos de SP, fui convidado a participar de vários deles e, em 1988, a organização do ato exigiu minha presença no palanque para fazer um discurso, que fiz sobre a participação dos arquitetos na construção de cidades melhores e mais justas para todos. A então deputada estadual Clara Ant, também arquiteta e da direção da CUT veio prestigiar o evento marcado para a Praça da Capelinha, onde montaram um palanque para alojar as lideranças que falariam.

Era um dia de sol e céu azul, mas fazia frio, ventava bastante no alto da Capelinha. O animador do palanque ia chamando um a um os dirigentes e figurões escalados para falar, até que chegou a minha vez. Nunca tive intimidade com a palavra falada, nunca fiz o curso de oratória do Tampinha, a timidez sempre atrapalhou e, diante de uma multidão, ficou pior ainda. Mesmo assim, encarei aquela massa de gente humilde que esperava os discursos acabar logo para começar o show musical e comer pipoca. O microfone ficava preso, fixo sobre um pedestal e lá fui falar.

Discursei pouco, aos tropeções, sobre a importância de melhorar a vida das pessoas nas cidades, especialmente na velha Franca, com mais habitação, mais saneamento, mais transporte coletivo de qualidade, sobre arquitetura, urbanismo e o papel social dos arquitetos, que desenham e constroem os sonhos das pessoas. Ao final, o vexame foi pequeno, nenhuma vaia, alguns aplausos (poucos) e logo chamaram outro orador. Suando ainda, fui para o fundo do palanque, onde estava a Clara Ant. Perguntei o que tinha achado. Ela, com sua educação irretocável, senso de humor, fina inteligência e franqueza que faz falta na política atual, foi certa: “não foi mal, só que nunca fale com as duas mãos na cintura, parece um açucareiro”. Para bom entendedor, bastou.

Mauro Ferreira é arquiteto